

O seminário, livro 23: o sinthoma

DIDIER CASTANET

O Seminário, livro 23: o sinthoma, de Jacques Lacan

Abertura em direção ao seminário 23: o sinthoma

Sob o risco de cair em má caricatura, resumir um seminário de Lacan não me parece possível. Com efeito, todo resumo opera uma redução que me parece completamente deslocada, quando tentamos transmitir algo de uma elaboração, de um pensamento em movimento.

Assim, proponho uma abertura em direção a este seminário. Se considerarmos que o seminário 23 é o seminário clínico que concretiza as elaborações de Lacan do seminário 22 (R.S.I.) parece-me essencial examinar sobre o que repousa o seminário 23. Vou tentar nesta abertura fazer a ligação entre o seminário 22, R.S.I e o 23, O Sinthoma.

A meu ver, não se pode abordar o seminário 23 sem ter trabalhado antes o seminário R.S.I., ou sem saber a que corresponde a contribuição do nó borromeano. Ou ignorando as modificações que Lacan traz à sua concepção do Nome-do-Pai; e o que significa a introdução de "alíngua". Ou, ainda, ignorando a introdução da Nomeação. Dizendo de outro modo, tudo isso me parece constituir preliminares indispensáveis à abordagem do seminário 23.

Na ocasião deste seminário, estamos na última parte do ensino de Lacan, aquela a que chamamos normalmente o período borromeano. Nele Lacan retoma questões sobre as quais tinha terminado seu seminário precedente, R.S.I. Lembramos também que o Seminário RSI foi precedido em três meses pela conferência "A Terceira".

Qual é então o contexto teórico dos anos 73-74-75?

♦ Muito precisamente, o contexto científico repousa, para Lacan, sobre sua pesquisa para "definir" a estrutura a partir das três categorias que são: Real, Simbólico e Imaginário (R.S.I.).

♦ Em seguida, trata-se de estabelecer as diferentes relações

entre as três categorias. Mas, diria também que se trata, e isto precisamente no seminário R.S.I., de saber como se sustentam juntas as três categorias, e ainda como distingui-las.

♦ Depois, questionando a natureza e o enodamento borromeano das três consistências, Lacan se coloca a questão de saber se podemos fundar a psicanálise sobre outra coisa que não seja o Édipo (este sendo entendido em sua vertente mítica); dizendo de outro modo, se se pode se passar do pai. Esta questão maior o conduz a uma outra problemática: a do aprofundamento do Nome-do-Pai e da Nominação.

♦ Enfim, a questão do sintoma está ligada àquela da escrita, do real e de “alíngua”.

Lacan concebia o discurso psicanalítico como produzindo uma escrita. Se o nó borromeano é para ele uma mostraçã do fazer do discurso psicanalítico, como ele próprio o diz, “uma mostraçã” do enodamento das três categorias, do estabelecimento de suas relações, é bem porque ele é uma escrita. Esta escrita nodal, feita de rodela fechadas ou abertas, escreve o real no sentido real da estrutura, ou seja, o real da estrutura do ser falante. Este real da estrutura é constituído de três categorias: a do Simbólico, a do Imaginário e a do Real. O Real é considerado desta vez como categoria.

Mas, tornar o real sensível pelo traço da escrita, pela planificação, e pelo nó borromeano - Lacan insiste nisso - não é modelo. O modelo se situa inteiramente no imaginário e o imaginário supõe uma substância. Ora, o nó não supõe o real, mas ele o suporta, ele o é. O nó suporta o real, pois as três rodela só consistem em se sustentar realmente entre si.

Mas, a grande novidade do seminário R.S.I. será o novo sentido do Nome-do-Pai e um remanejamento da função do pai: não será somente o nome dado ao pai, mas o nome dado pelo pai. Eis o que ele nos diz na lição de 15 de abril de 1975, “é preciso o simbólico para que apareça individualizada nos nós esta coisa que eu chamo não totalmente de complexo de Édipo - não é tão complexo assim - eu chamo isso o Nome-do-Pai, o que só quer dizer o pai como nome - o que não quer dizer nada de início - não só o pai como nome, mas o pai como nomeando”.

Essa inversão de sentido é suportada pelo furo do nó borromeano, um furo “inimaginável” como Lacan o qualifica e ao

qual reenvia o famoso “eu sou o que sou”. E ainda na lição de 15 de abril de 1975, Lacan nos diz: “A nomeação é a única coisa da qual temos a certeza de que isto faz furo”.

A função da nomeação é uma função de enodamento. Lacan atribui uma função capital à nomeação a ponto de dizer: “seria preciso escrever a coisa assim, seria preciso escrever *nhommer*”. É um modo de dizer que a nomeação faz o homem, no sentido genérico.

Compartilhando com o seu auditório a dificuldade de sustentar o Nome-do-Pai ao mesmo tempo como nomeado e como nomeante, Lacan extrai no seminário O Sinthoma, as consequências clínicas de suas elaborações do seminário RSI. Ele havia concluído esse último perguntando: “o que convém dar como substância ao Nome-do-Pai?”

Havia evocado, na última lição de 13 de maio de 1975, uma nomeação provinda das três categorias, do Real, do Simbólico e do Imaginário, sem deixar este privilégio apenas ao simbólico.

A renomeação do sintoma em sinthoma resulta da tentativa de renovar a aproximação do sintoma, não somente em função significativa, mas também de letra. Há no sinthoma um real que resiste à interpretação significativa, jogando no equívoco. Esse real seria ligado ao gozo específico do sintoma, lá onde existe uma insatisfação estrutural no sexual, a qual afirma que não há relação sexual. O chamado traumatismo, em psicanálise, não está apenas ligado à percepção do caráter evanescente do falo, como na interpretação do sonho do Homem dos lobos, mas à natureza da sexualidade como *trou-matique*, pois há um furo (trou) no nível daquilo que faria relação sexual.

O sintoma é sinal de que alguma coisa rateia em relação ao sexual, e o sinthoma diz mais precisamente: o que rateia é a possibilidade de estabelecer a relação sexual entre o homem e a mulher.

O sinthoma tem a função de suplência a uma falta na função fálica em um sujeito como Joyce. Em sua conferência “Joyce o sintoma”, Lacan declara: “O pai como nome e como aquele que nomeia, não é a mesma coisa. O pai é este elemento quarto sem o qual nada é possível no nó do simbólico, do imaginário e do real”.

Falando do Nome-do-Pai propriamente freudiano, Lacan fazia a seguinte constatação: “Não é porque esta suplência não é indispensável que ela não acontece. Nosso Imaginário, nosso

Simbólico e nosso Real estão talvez para cada um de nós ainda em um estado de suficiente dissociação para que só o Nome-do-Pai faça nó borromeano e sustente tudo isso junto". (Seminário RSI, lição de 11 de fevereiro de 1975). Ora, ele só pode sustentar isso junto porque "é enquanto o Nome-do-Pai é também o Pai do Nome que tudo se sustenta". (Seminário O Sinthoma, lição de 18 de novembro de 1975). Tal é a função do sinthoma.

A resposta psicótica ao acontecimento é *sin-thomatique*. Tal resposta não vem sem colocar a questão de onde a psicanálise se posiciona. Por isso, a última constatação de Lacan se formulará assim: "Por que alguém viria demandar a um analista a temperança de seus sintomas?" Ele responde indicando o deslizamento da nomeação da estrutura ao sintoma: "Todo mundo tem um, considerando que todo mundo é neurótico, é por isso que se chama o sintoma, neste caso, neurótico. E, quando ele não é neurótico, as pessoas têm a sabedoria de não vir demandar a um analista de se ocupar dele". E ele conclui assim: "O que prova assim que não franqueá-lo, a saber, não demandar ao analista de arranjar isso, é o que é preciso muito bem chamar o psicótico". Temos assim o psicótico com sintoma neurótico.

A psicose, com efeito, é definida pelo nó borromeano enodado por este sinthoma quarto elemento que é o Nome-do-Pai como Pai do Nome. Assim, o sinthoma tem a função de suplência quando há a forclusão do Nome-do-Pai. Um quarto elemento vem então fazer amarra e impedir a loucura da desamarração.

O sintoma que é para Joyce sua obra, especifica-se para Lacan por ser "sinthoma e neurótico". É um enunciado que pode parecer um pouco estranho, chegar a qualificar o sinthoma de neurótico. Ele é neurótico, pois ele cria e suporta artificialmente um Nome-do-Pai que faz falta. Ele faz ex-sistir o Pai. Lacan afirma: "Se se escolhe um sinthoma, podemos usá-lo em demasia, até atingir o real". E continua: "O sinthoma enquanto ele serve de suplência ao valor fálico, vai permitir ao simbólico funcionar em seu papel de fazer furo no real".

Lacan descreverá o sinthoma a partir das diferentes manifestações da relação de Joyce à escrita e à voz: o tratamento (muito) particular a que ele submete a língua, seu gosto pelo enigma e pelo equívoco, enfim, pela atenção prestada à fonação, através, por exemplo, do que ele chama as epifanias.

Em Joyce, há uma relação entre o que o faz gozar e a maneira pela qual ele procede com as palavras. Ele as quebra, ele as dissolve por um “faunesco” uso de sua literalidade. Dessa escrita, ele goza incontestavelmente. Por exemplo, em *Finnegan’s Wake*, “sente-se”, diz Lacan, “o gozo daquele que escreveu aquilo”. Mas é um gozo próprio. A aposta para Joyce é um gozo privado da letra em seu uso fonético (que Lacan escreve f.a.u.n.e.). Nada no sintoma de Joyce “engancha algo do inconsciente de vocês” (conferência “Joyce, o Sintoma” de 16 de junho de 1975), diz Lacan. Por quê? Porque quando Joyce joga com a letra, ele joga com aquilo que há nela de essencial à linguagem, mas não à língua. Ele se interdita “jogar com quaisquer equívocos que abalariam o inconsciente de qualquer um”. Nada de afeto, então, no leitor, no sentido em que o afeto é o efeito daquilo que é *dito* em alguma parte. O afeto vem de um dito da língua. Assim, a formação de um sintoma dessa maneira é o trabalho da língua pelo inconsciente, pois, dessa maneira, pode tocar o interesse de um outro.

Ao contrário, Joyce, “desabonado do inconsciente” como ele é, faz do artifício de sua escrita a via para levar o *sinthoma* (e não um sintoma) ao poder da pura linguagem, da linguagem separada da língua, de sua língua gaélica.

Joyce é esse quarto elemento por seu nome próprio. Ele o teve sob duas condições. De início, ele respondeu às palavras impostas. As palavras que o atacavam como balas de metralhadora, ele as desmanchava a cada dia, cortando-as em pedaços graças ao jogo de sua escrita: uma salada de palavras cuja leitura em voz alta lhe fazia rir solitariamente. Mas, mais ainda, ele pôde editar sua escrita e se fazer ler pelo público. Assim, ele alcançou realizar o que esperava: que os universitários falassem dele. E por isso Joyce não delirou. Existem certos fracassos de sua vida com Nora. Mas o fracasso de sua via privada era o avesso do êxito público.

Lacan nos diz: Joyce “desabonado do inconsciente”. Quer dizer: seu sintoma não é conectado ao inconsciente; Joyce goza da letra sem passar pelo inconsciente – é um gozo fora inconsciente, fora do sentido. Lacan qualifica esse gozo de “opaco”, pois ele exclui o sentido.

Então, agora, como compreender Lacan ao nos dizer que Joyce chegou ao ponto esperado de uma análise? Essa questão concerne ao fim da análise e à relação do sujeito ao sintoma. O

sujeito identifica-se a seu sintoma ao reconhecer que o tem, que mantém certa relação com ele, que ele o nomeia e não que ele imagina que ele o é, sobre um modo que poderia se enunciar como um: “eu sou assim e isso é tudo”. Sabemos, essa formulação “sou”, essa expressão, tende a fazer existir a relação sexual, e o sintoma que vem significar a não-relação pode ser completamente depreciado ou desconhecido através dessa ontologização.

Espero ter contribuído para uma abertura em direção ao Seminário 23: O Sinthoma, em parte (e só em parte) consagrado a Joyce.

Tradutoras da Resenha: Daniela Chatelard e Zilda Machado